



Vista do conjunto

Convocar o comum das águas

Projeto preliminar para o Museu Marítimo do Brasil no Espaço Cultural da Marinha.

“Nas civilizações sem navios os sonhos secam” (Michel Foucault em “Espaços outros”)

Conceito

As navegações não são apenas vetores de desenvolvimento das cidades, mas também reservatórios de imaginação e intriga, já que constituem um modo fundamental de encontro entre diferentes culturas e naturezas.

Nessa paisagem marítima, a água é o “espaço comum” por excelência, pois ela nos aproxima e afasta da figura do outro, isto é, do desconhecido e do imprevisível - tudo o que as cidades contemporâneas parecem sintomaticamente negar.

É justamente aí, nesse “espaço comum” inconstante, que as navegações atravessam, articulam e disputam as diferentes identidades culturais e naturais. De modo que, se antes o horizonte das navegações era o encontro com novas terras, hoje é o encontro com novas águas, ou melhor, novos “comuns”.

É com esse Norte que nos aproximamos do projeto preliminar para o Museu Marítimo do Brasil no Espaço Cultural da Marinha. Um “espaço comum” de muitas histórias que procura ser menos para os navios e mais para os navegantes. É que revele hospitalidade e encontro com o outro, bem como a convivência socioambiental necessária e tensa com a cidade do Rio de Janeiro.

Contextualização

É inevitável não considerar a condição histórico-territorial estratégica na qual o Museu Marítimo do Brasil será implantado. Deve-se entender o projeto como parte da requalificação da área portuária que procura resgatar a vocação marítima da cidade por meio de uma série de infraestruturas urbanas que, entre outras ações, fazem de região central se voltar novamente para o mar.

Por isso, um gesto que permeia todas as ações projetuais será de que as edificações devem conceder de volta o horizonte portuário da cidade e, com ele, a proximidade com a água da baía de Guanabara – portal marítimo entre o Brasil e o restante do mundo. Com isso, não se trata de apenas revelar uma paisagem distante, mas antes de se entender enquanto paisagem e, a partir disso, projetar.

Partido e distribuição do programa

No largo próximo à orla portuária, respeitando as proporções dos edifícios do entorno, será oportuno construir verticalmente afim de adensar boa parte dos programas de apoio e administração. Isso permite, em primeiro lugar, conceder uma ampla área térrea de uso imprevisível tanto para o Espaço Cultural da Marinha quanto para a cidade e, em segundo lugar, resolver com clareza o sistema de acessos e serviços públicos para os navegantes que, atravessando o térreo elevado do edifício vertical, poderão acessar o pier onde propomos as áreas expositivas.

No pier, a construção será horizontal e, por ser descolado da orla portuária, é oportuno situarmos as áreas de acervo com e sem acesso ao

público pois exigem maior controle de entrada e saída.

A área de acervo sem acesso ao público, por ser de segurança máxima, é uma pedra de concreto que emerge do chão e está estrategicamente situada na extremidade do pier que dá acesso à cidade afim facilitar o acesso de caminhões de carga e descarga.

Já a área de acervo com acesso público se constitui não só pelo Museu Marítimo do Brasil, mas também pelo que chamamos de área expositiva do Espaço Cultural da Marinha. O primeiro se realiza em um edifício horizontal de dois pavimentos, que abrigará de maneira autônoma e em espacialidades diversas as áreas expositivas temporárias e permanentes. Esse edifício horizontal de 300m de comprimento, está elevado do chão de modo a criar uma cobertura para a área expositiva do Espaço Cultural, afim de resgatar o potencial histórico de cais de atracamento do pier, através de seus passeios e artefatos da marinha.

Para a logística dos artefatos expositivos, como a peça permanente da Galeota de D. João VI ou a Galeota Imperial, tiramos partido da condição portuária e imaginamos uma ponte-rolante, daquelas que há em todo o porto, que atravessa todo o edifício para transportar as mais variadas peças expositivas. Esse recurso, além de funcionar como aparato logístico, serve como artefato expográfico, pois abre possibilidades curatoriais de imaginação marítima a ponto de podermos nos perguntar como seria, então, ver um barco navegando pelo ar?

Para conectar o edifício vertical com o horizontal, mais uma vez, convocamos o reservatório imaginativo das navegações e propomos uma passarela que incite o navegante a atravessar as águas, como quem estende uma prancha para entrar em uma embarcação repleta de imaginários marítimos. Essa estratégia amarra e justifica as ações projetuais de modo a potencializa-las, pois agora os edifícios se configuram como um todo de partes autônomas entrelaçadas de maneira clara e direta.

Conclusão

Como isso, convocamos aqui os “espaços comuns” das águas, da baía de Guanabara, onde as histórias dos povos em suas diversidades, autnomias e contradições, possam ser contadas para as próximas gerações, de maneira que as navegações continuem regando os sonhos marítimos da cidade do Rio de Janeiro.

Está clara a responsabilidade institucional, educacional, econômica, sociocultural e ambiental que a construção desse espaço exige. Mas a aridez da arquitetura, enquanto modo peculiar de conhecimento capaz de articular saberes através da técnica, procura responder esse desafio - não sem antes convocar a imaginação.

Imaginem, portanto, a beira d'água e os corpos ao sol, o porto, a baía e o som de línguas estrangeiras. Aqui, a praça e o potencial transformador de um projeto de arquitetura teriam de coexistir em um “espaço comum”, no qual se entrelaçam a água, a terra, os navios, e os navegantes. Lições portuárias.

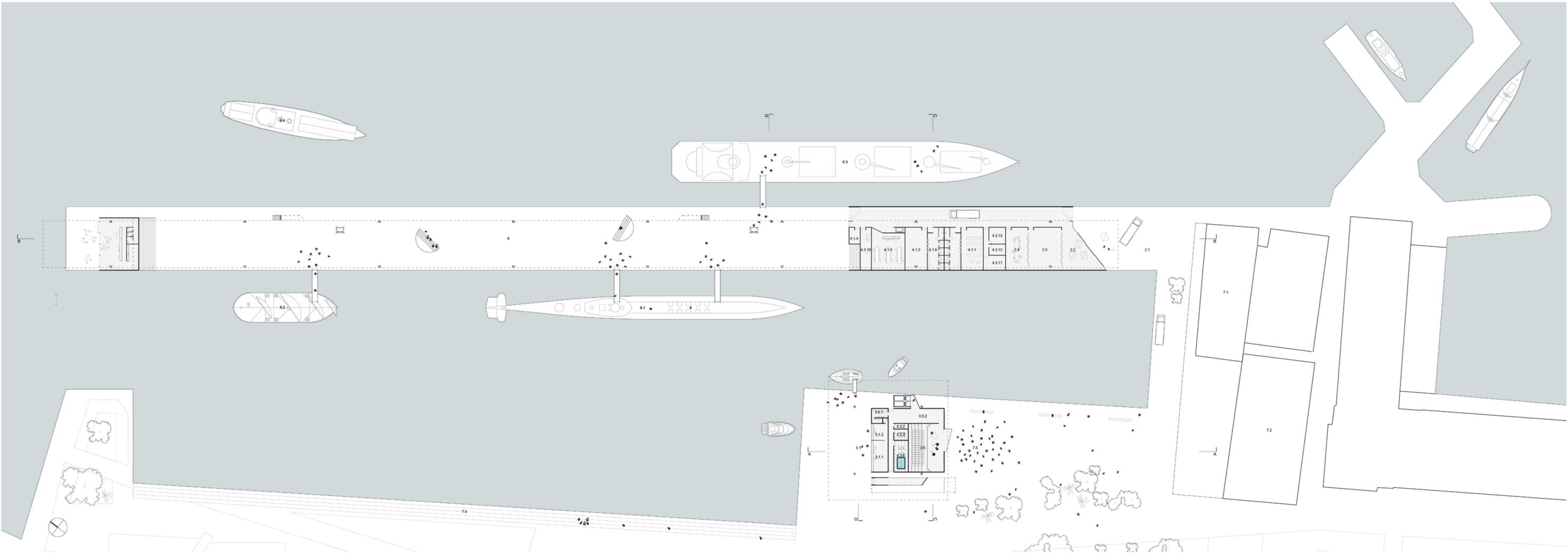


Implantação urbana - Escala 1.4000

Para potencializar o contexto urbano e territorial: elevamos os edifícios afim de conceder de volta o horizonte portuário da cidade; o edifício vertical tangencia a projeção do alinhamento com a candelária; criamos continuidade com as proporções dos edifícios do entorno imediato.



Vista aérea



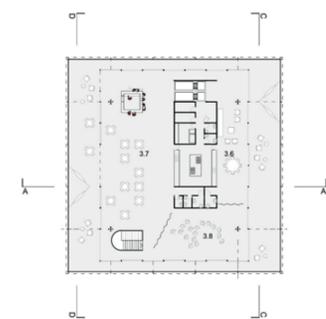
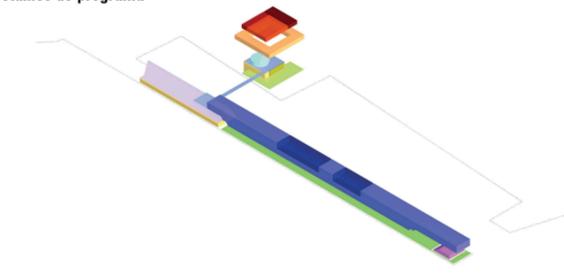
PLANTA N. + 0.00
Escala 1:500

Programa

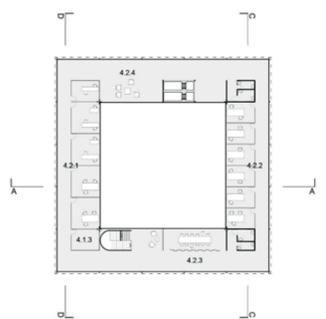
No largo: devido à proximidade com a orla portuária, o edifício vertical concentra as zonas sem acervo aberta e fechada ao público, que possuem caráter mais público.

No pier: uma pedra, um edifício horizontal e o térreo aberto concentram, respectivamente, as zonas de acervo fechada; as áreas expositivas temporárias (cota 7m) e permanentes (Cota 3,5m) do Museu Marítimo; a área expositiva do Espaço Cultural da Marinha.

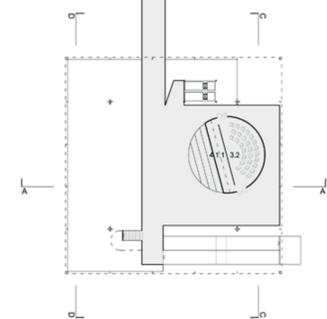
Detalhes do programa



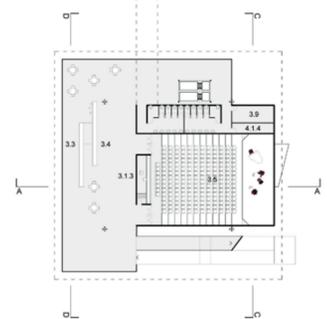
PLANTA N. + 17.50
Escala 1:500



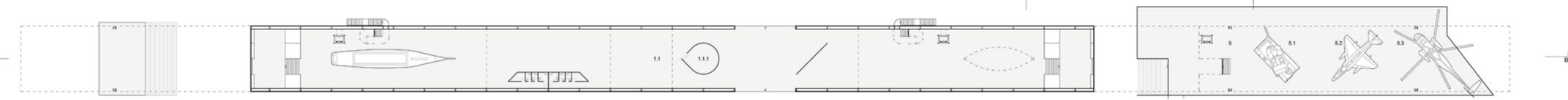
PLANTA N. + 14.00
Escala 1:500



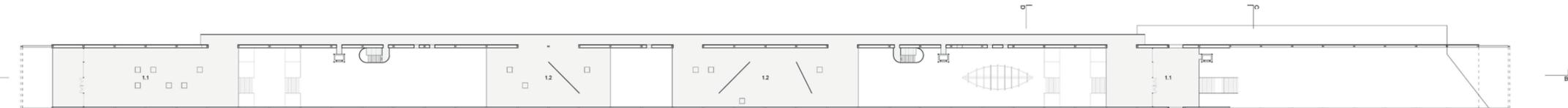
PLANTA N. + 7.00
Escala 1:500



PLANTA N. + 3.50
Escala 1:500



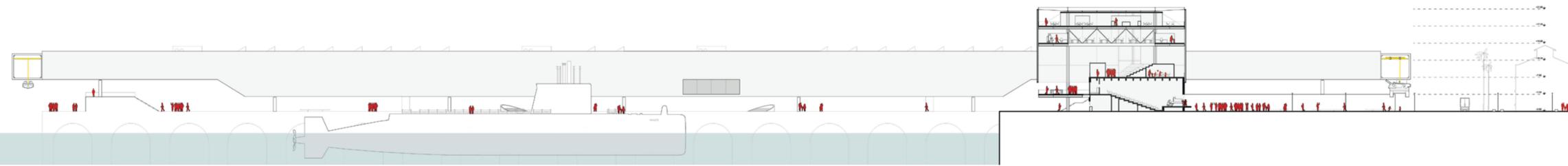
PLANTA N. + 3.50
Escala 1:500



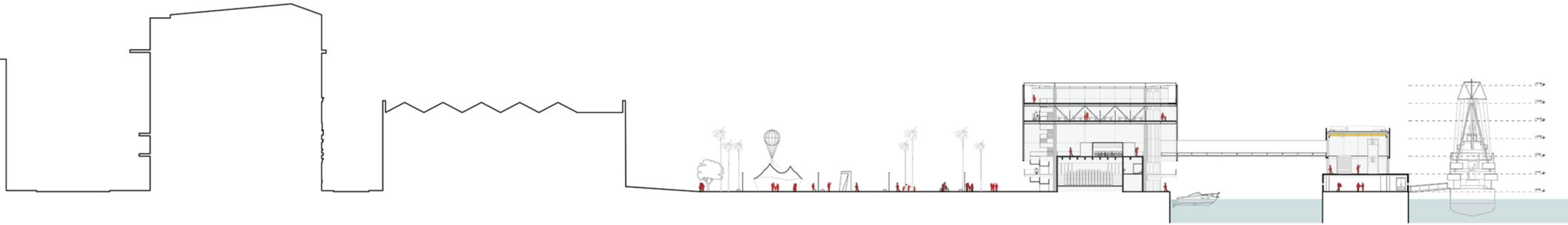
PLANTA N. + 7.00
Escala 1:500

Referências

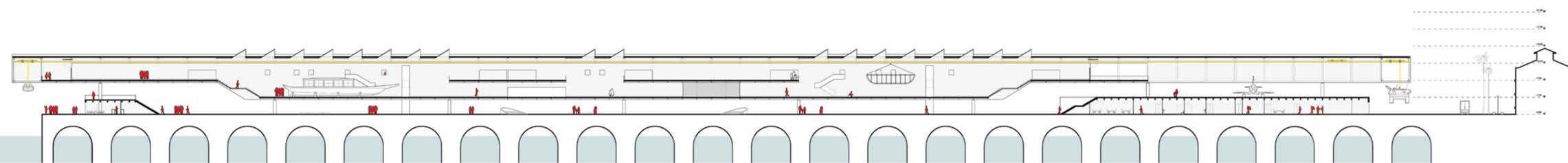
- | | | |
|--|--|--|
| 1. | 3.8 Sala multiuso | Launge |
| 1.1 Galeria de longa duração (permanente) | 3.9 Depósito Cafeteria/ Livraria | 4.3 Áreas técnicas |
| 1.1.1 Depósito | 4. | 4.3.1 Ar-condicionado |
| 1.2 Galeria de exposições temporárias | 4.1 Área de apoio administrativo | 4.3.2 Subestação elétrica |
| 2. | 4.1.1 Sala de armazenagem de equipamentos de apoio à exposições e educativo | 4.3.3 Gerador de emergência |
| 2.1 Carga e descarga de veículo de acervo em trânsito | 4.1.2 Oficina de elétrica e hidráulica | 4.3.6 Água potável |
| 2.2 Área de recepção de obras e embalagem/desembalagem | 4.1.3 Almoxarifado administrativo | 4.3.10 Processamento de resíduos sólidos |
| 2.3 Reserva técnica de obras em trânsito | 4.1.4 Almoxarifado de serviços gerais | 4.3.11 Sistemas eletrônicos de sistema wi-fi |
| 2.4 Sala de equipe de montagem/ desmontagem | 4.1.5 Refeitório para funcionários | 4.3.12 Salas técnicas de sistema wi-fi |
| 3. | 4.1.6 Vestiário para funcionários / terceirizados | 4.3.13 Luminotécnica |
| 3.1 Hall | 4.2 Área administrativa | 5. Espaço Cultural da Marinha |
| 3.1.1 Bilheteria/ Bilheteria Vaporetto/ Informação | 4.2.1 Diretorias executiva/ Diretoria cultural/ Administrativo Financeiro/ Serviços gerais/ Serviços geral | 5.1 Carro de Combate Cascavel |
| 3.1.2 Guardar volumes | 4.2.2 Relações institucionais e comunicação/ Curadoria/ Produção e programação visual/ Museologia/ Educativo | 5.2 Aeronave Skyhawk |
| 3.1.3 Recepção | 4.2.3 Recepção | 5.3 Helicóptero SH3 |
| 3.2 Área educativa | 4.2.4 Sala de reuniões + | 6. Terraço Expositiva |
| 3.3 Loja/ Livraria | | 6.1 Nau dos Descobrimentos |
| 3.4 Cafeteria | | 6.2 Submarino Riachuelo |
| 3.5 Auditório (foyer, cabine projeção, copa) | | 6.3 Navio Museu Bauru |
| 3.5.1 Provedor | | 6.4 Rebecador Laurindo Pitta |
| 3.5.2 Depósito de teatro | | 7. |
| 3.6 Sala vip | | 7.1 CPRJ |
| 3.7 Restaurante | | 7.2 Tribunal Marítimo |
| | | 7.3 Parquinho Largo da Candelária |
| | | 7.4 Arquibancada de contemplação |
| | | 7.5 Palco aberto à praça |



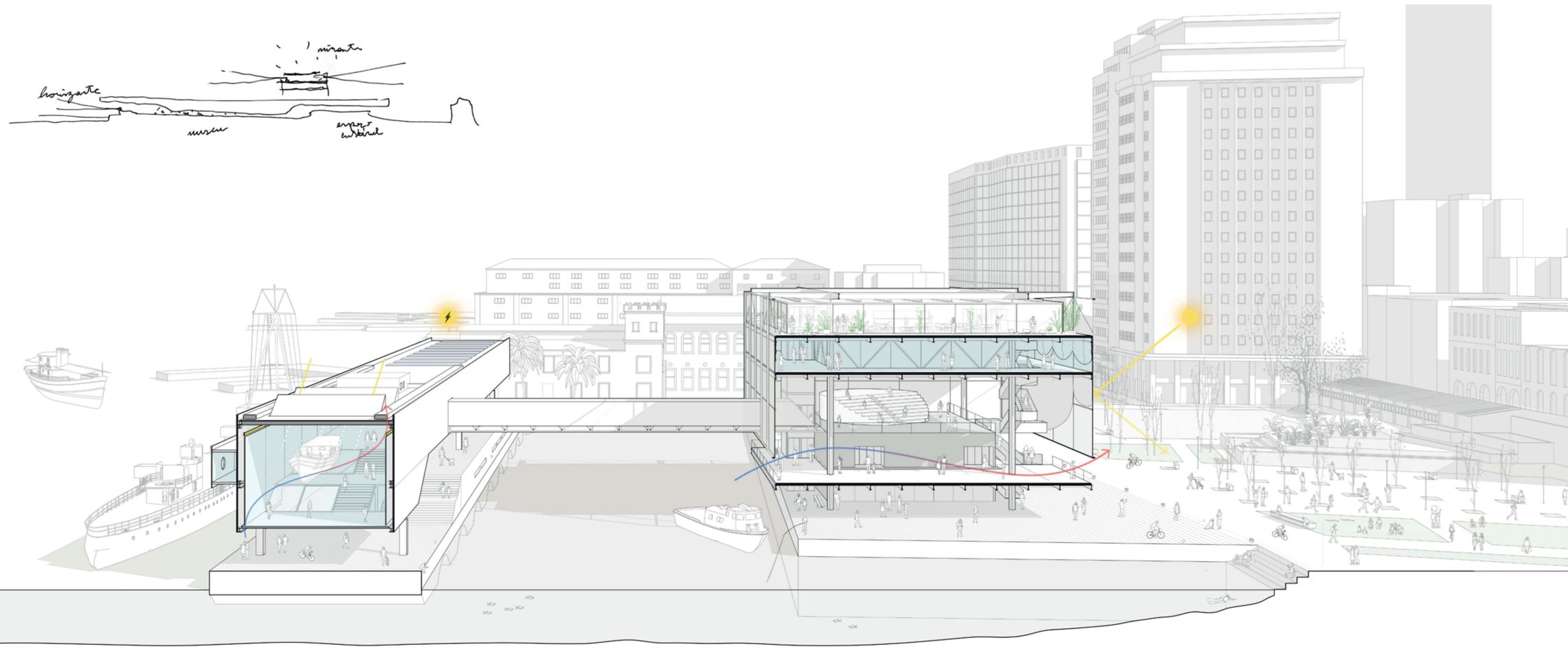
CORTE A-A
Escala 1:500



CORTE B-B
Escala 1:500

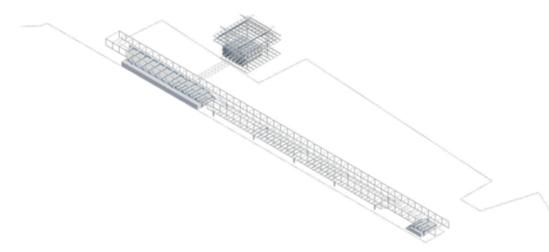


CORTE C-C
Escala 1:500



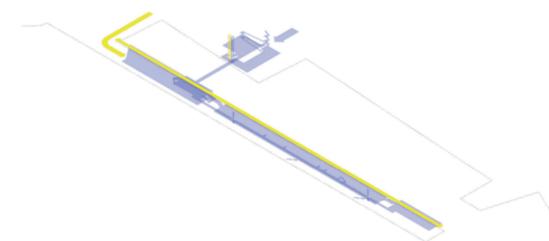
CORTE D-D

Estrutura



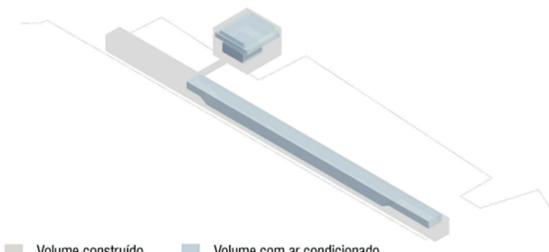
-As três pedras que emergem do chão são de concreto armado.
-Para obter um aproveitamento racional do material com a máxima eficiência estrutural, ambos os edifícios, horizontal e vertical, são de estrutura metálica que responde ao módulo de 12.00m com sub módulos de 6.00m e 3.00m.
No pier, acompanham as fundações existentes.

Acessos



Públicos **Serviços**
Serviços: a área de acervo sem acesso público está situada na extremidade do pier que dá acesso à cidade afim facilitar o acesso de caminhões de carga e descarga.
Públicos: O acesso público acontece no edifício vertical do largo por meio de rampas. Elas atravessam o foyer em um térreo elevado até a chegada na passarela que dá acesso as áreas expositivas acessível por escadas e elevadores.

Ambiental



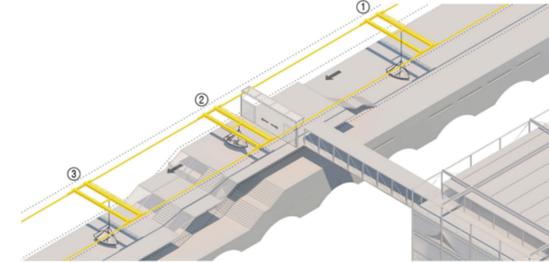
Volume construído **Volume com ar condicionado**
Ar condicionado: No largo, propomos um edifício-varanda que concentra boa parte dos programas em áreas abertas mas cobertas. Desse modo conseguimos diminuir a quantidade de ar condicionado em relação a quantidade de volume de edifício construído.
Solar: Boa parte das coberturas dos edifícios estão previstas a instalação de painéis solares para a captação de energia renovável.
Água: Será previsto, nas coberturas e3 pisos, sistemas de recolhimento de água da chuva para reaproveitamento.

Fachada

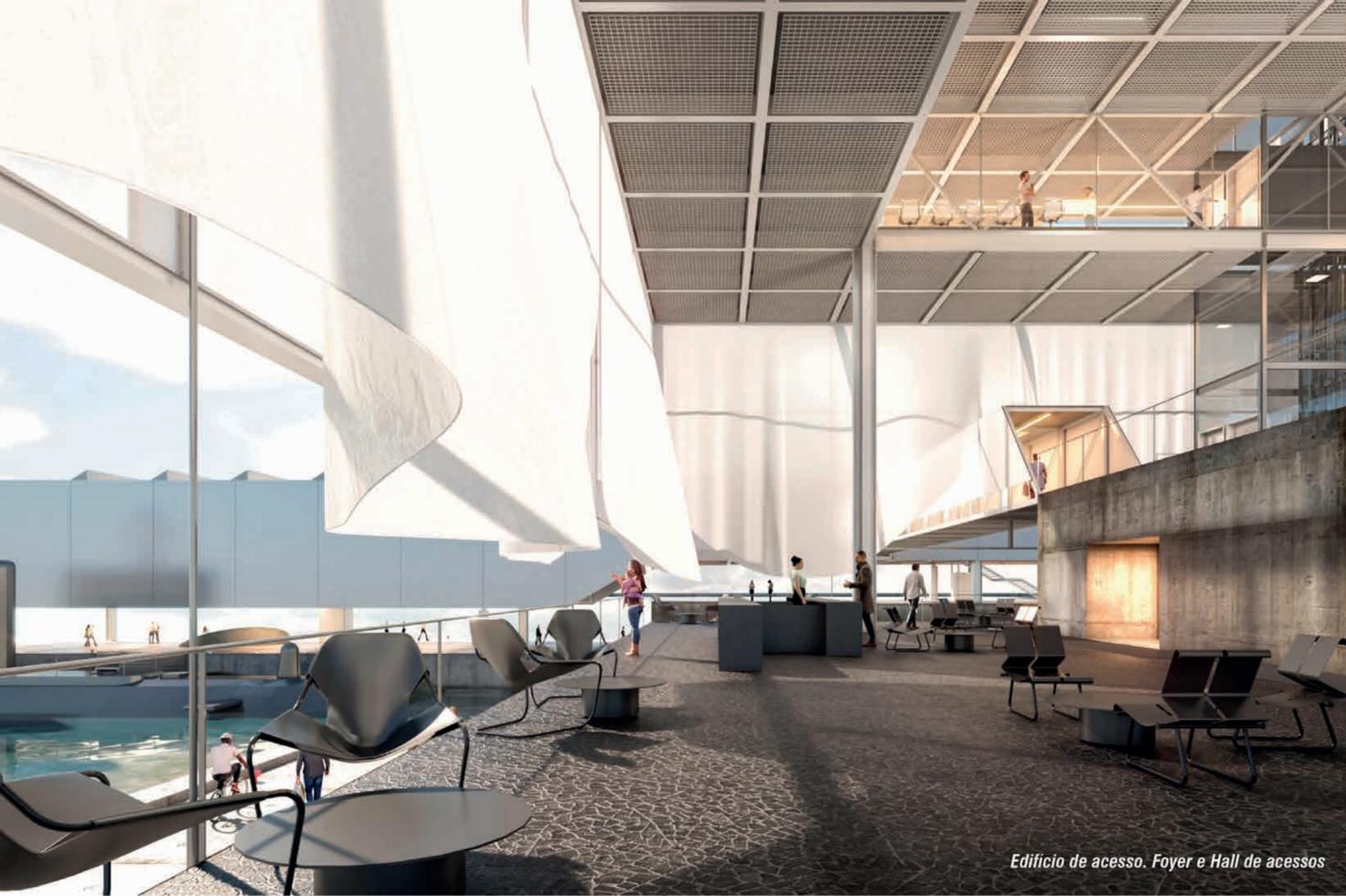


Para a fachada de caixilho do edifício vertical propomos um filtro feito de telas de veleiros que se movem aos ventos da baía de Guanabara, e que também possibilita diversas configurações que se adapte as necessidades de controle climático, como a insolação.

Ponte Rolante



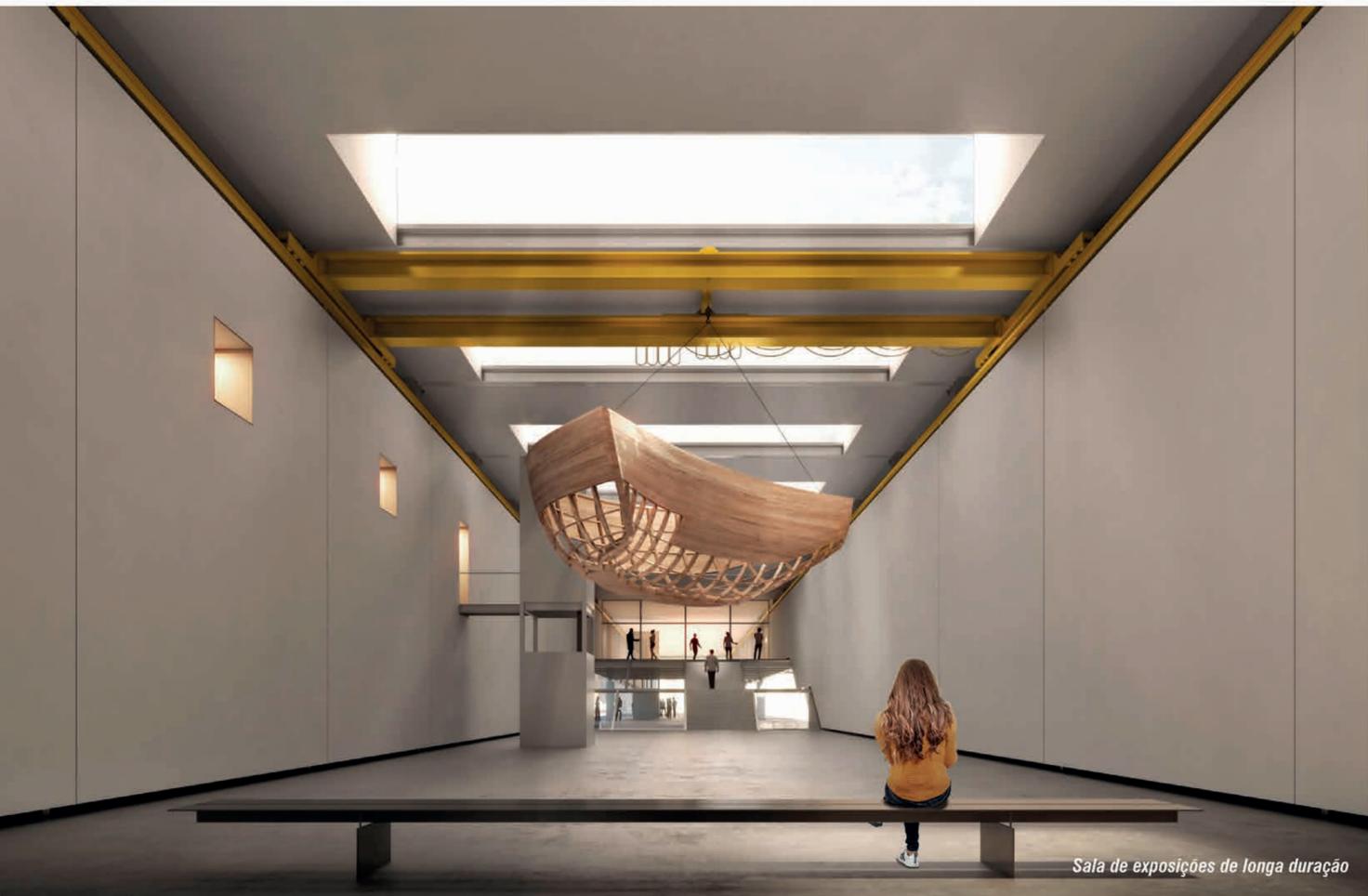
① Guindaste ② Transporte ③ Dispositivo Expográfico
Uma ponte-rolante, daquelas que há em todo o porto, trabalha como guindaste e atravessa os 300m de edifício do pier afim de transportar as peças expositivas. Além disso funciona como artefato expográfico possibilitando curadorias de imaginação marítima.



Edifício de acesso. Foyer e Hall de acessos



Área educativa e introdutória



Sala de exposições de longa duração



Sala de exposições temporárias